

Filosofia e Tecnologia: Como a tecnologia afeta a maneira como aprendemos e comunicamos a teologia e como isso influencia a vida cristã

Lázaro Layson Guimarães Oliveira¹⁶

Resumo: O objetivo deste artigo é refletir sobre a relação da tecnologia com a história da igreja e suas influências na maneira como ela realiza sua missão. Primeiramente, iremos refletir sobre os fundamentos que tornam a comunicação um aspecto importante nas relações humanas e como esta é essencial para a comunicação da verdade de Deus e da missão igreja. Em segundo lugar, passaremos a abordar os conceitos teológicos e filosóficos que nos ajudam a encarar a tecnologia como parte do mandato cultural humano e os níveis de interação dela com o desenvolvimento da história humana e da igreja. Por fim, iremos compreender como a tecnologia pode afetar a missão da igreja e a vida cristã e assim compreender o que a igreja precisa fazer para se adequar a esta realidade e usar a tecnologia em benefício da missão do Reino de Deus de comunicar a doutrina cristã como fez durante toda sua história.

Palavras-chave: Filosofia da Tecnologia. Filosofia Reformada. Mídias Sociais. Missão da Igreja

Abstract: The aim of this article is to reflect on the relationship between technology and the history of the church and its influences on the way it carries out its mission. First, we will reflect on the fundamentals that make communication an important aspect of human relationships and how it is essential for the communication of the truth of God and the mission of the church. Second, we will move on to address the theological and philosophical concepts that help us

¹⁶ Bacharel em Engenharia Mecânica pela UFCG. Pós-graduado em Gestão de Projetos pela FIP PB. Especialista em Aconselhamento Bíblico pelo Palavra da Vida, Paudalho PE. Pós-Graduado em Pregação Expositiva pela Missão Pregue a Palavra. Especialista em Teologia Filosófica pelo Colégio e Faculdade Kennedy. Pastor na Igreja Batista da Graça em Campina Grande PB.

to view technology as part of the human cultural mandate and the levels of interaction with technology and the development of human and church history. Finally, we will understand how technology can affect the mission of the church and the Christian life and thus understand what the church needs to do to adapt to this reality and use technology to benefit the mission of the Kingdom of God to communicate Christian doctrine. as it has done throughout its history.

Keywords: Philosophy of Technology. Reformed Philosophy. Social media. Mission of the Church.

1. Introdução: fundamentos teológicos da comunicação da verdade de Deus e os relacionamentos

Deus nos criou para nos comunicarmos e vivermos em sociedade, pois sendo um Deus trinitário que existe em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo (Mt 28:9), também nos fez imagem e semelhança Dele (Gn 1:27), e por isso, seres sociais, que buscam a interação como meio de encontrar sua identidade com Deus e com o próximo. Na criação de Deus, tudo era muito bom e coexistia em perfeita paz, estabilidade, harmonia e completude. Nós deveríamos nos relacionarmos com Deus em adoração, e desta forma encontrar Nele nossa identidade de criaturas dependentes, exercitando nosso mandato cultural diante da criação como mordomos da mesma, para serviço nosso e do nosso próximo, e juntos nos relacionarmos entre nós e refletirmos a glória do criador em todos os aspectos de nossa existência.

A queda quebrou esta dimensão plena de relacionamento com Deus, e nos fez adorar mais a criatura do que o criador, e em consequência, os nossos relacionamentos são desestruturados para com a criação, onde passamos a idolatrá-la, adorá-la, e pecamos contra o nosso próximo na tentativa de amar as coisas e usar as pessoas, no lugar de, em amor as pessoas, usar as coisas para a glória de Deus. Este processo pode ser percebido claramente no capítulo 1 do livro de Romanos. Quando retornamos a Gênesis, vemos que Deus criou o mundo pela Palavra, e deu ao homem a ordem de não comer o fruto por meio da Palavra, e através desta obediência a ordenança moral de Deus, ele estaria no lugar de segurança quanto a confiança no Senhor. Adoração a Deus e relacionamentos estáveis com a criação de Deus seriam o padrão.

Quando a serpente leva o homem a duvidar da verdade comunicada de Deus, crer na mentira e distorção da verdade falada, o homem cai em pecado, e foge de Deus em um desejo de não mais se comunicar e ser confrontado pela verdade de sua atitude. Com a queda, ele peca contra sua esposa e os relacionamentos são afetados. Tudo isso culmina mais à frente na morte de Caim por seu irmão Abel e na sequência, a criação de relacionamentos bígamos, uma cidade que confronta os valores de Deus e todas as demais consequências do pecado. A cidade de Deus e a cidade dos homens. Um problema de adoração e crença na comunicação da verdade de Deus, leva o homem a perder o referencial divino e quebra sua relação com Deus e a correta compressão de sua identidade, relacionamento com as coisas criadas e com o próximo. A queda traz todo o caos do pecado e da morte à criação de Deus. Todo o desdobramento disto podemos ver nos 12 primeiros capítulos de Gênesis, e sem nenhuma dificuldade aplicar ao mundo de hoje.

Neste mesmo momento, o momento da queda, vemos a promessa do redentor pela semente da mulher e que aponta para Cristo (Gn 3:15). O plano redentor se desenrola nas Escrituras a partir da escolha de Abraão com a promessa de abençoar todas as nações por meio de sua benção, e assim chegamos ao chamado de Israel como nação escolhida por Deus. Deus comunica sua verdade ao seu povo, Israel, por meio da Lei e dos profetas que apontam para Cristo. O tabernáculo representando a presença de Deus no meio do povo e o templo posteriormente como a presença de Deus na cidade de Jerusalém, no meio do povo. Até que Cristo, profetizado pelos profetas, passa a ser a habitação de Deus no meio dos homens, o tabernáculo, aquele que “tabernaculou” entre nós: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.”(João 1:14).

A verdade profetizada e a moral declarada de Deus por meio de sua Palavra, vindo ao mundo, Jesus, passa a ser a encarnação desta verdade no meio dos que se relacionam com Ele. Jesus se coloca como: “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim. Se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai; e já desde agora o conheceis, e o tendes visto.” (João 14:6,7). Jesus apresenta a mensagem da verdade como sendo o meio que nos conecta ao Pai: “Jesus dizia, pois, aos judeus que criam nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos; E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” (João 8:31,32). A verdade é o meio para libertação da condição de alienação do pecado, e a verdade é algo a ser comunicado para que possamos crer naquilo que Deus está fazendo em sua criação.

A comunicação desta mensagem passa a ser o meio que Deus usa para redenção, e assim como a Palavra criou todas as coisas e a desobediência a Palavra trouxe a queda, o ouvir a Palavra trará de volta à vida aos que estavam mortos em seus pecados: “Mas nem todos têm obedecido ao evangelho; pois Isaías diz: Senhor, quem creu na nossa pregação? De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus. Mas digo: Porventura não ouviram? Sim, por certo, pois, por toda a terra saiu a voz deles, e as suas palavras até aos confins do mundo.” (Romanos 10:16-18). Por este motivo, Jesus na grande comissão deu a seguinte ordem a igreja: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém.” (Mateus 28:19,20).

No entanto, diante dos ídolos de nossa geração, as ideologias de nossa época podem levar a uma leitura equivocada desta ideia de que a redenção vem por meio do conhecimento da verdade, pressupostos equivocados podem levar a uma eisegese dos princípios do Senhor, e mais uma vez, a Palavra de Deus é desconsiderada como foi no Éden. Nossa geração, que se apega a ideia do *Informacionismo*, acredita que saber é poder, e conforme as ideias destes a “fé no acúmulo e disseminação de informação como um caminho para o progresso pessoal e a felicidade pessoal” (SCHUURMAN, 2019, p. 93), pode fazer o homem achar que a fé se resume a conhecer apenas, ou seja, um exercício meramente intelectual. O ponto a refletir aqui, é que não se trata apenas de conhecer a Palavra, ter informações que salvam o homem ou que nos levam a uma vida de relacionamento com Deus, mas esta comunicação da verdade deve ser acompanhada do ato de me tornar discípulo e seguidor de Cristo, relacionar-se com ele e com sua comunidade chamada de Corpo de Cristo.

Esta relação comunitária como evidência de nossa fé verdadeira e não apenas intelectual, foi o que Jesus deixou claro em João 8:31,32, onde é dito que se não ouvir sua Palavra e segui-lo não se poderá ser chamado de discípulo. Em Mateus 28, quando disse, fazei discípulos ensinando-os a guardar, ele conectou a ideia de ensinar a verdade a ideia de relacionamento em direção, e pautado pela verdade, ou seja: discipulado. Em outro texto, quando ele disse: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.” (João 13:34,35). Neste texto vemos a ideia diretamente ligada entre relacionar-se em amor com outros e ser seguidor de Cristo. E aqui

poderemos também trazer para esta reflexão, todos os “uns aos outros” descritos nas epístolas e que devem ser exercitados em comunidade durante a convivência e serviço mútuo do corpo de Cristo.

Podemos pensar também em um texto que nos ajuda a entender nossa espiritualidade de acordo com a forma como eu me relaciono com o meu irmão em Cristo: “Se alguém diz: Eu amo a Deus, e odeia a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu? E dele temos este mandamento: que quem ama a Deus, ame também a seu irmão.” (1 João 4:20,21)

Portanto, fomos chamados para viver em comunidade por meio da pregação, serviço mútuo, disciplina eclesial e a prática do amor comunitário. O pecado quebra estas dimensões da vida cristã, que permitem a vida comunitária consequente de uma adoração plena a Deus, comunicação da verdade, edificação mútua e serviço ao próximo.

Diante de tudo que refletimos anteriormente acerca da vida cristã devemos usar qualquer meio que favoreça estes relacionamentos para garantir a edificação da vida espiritual, porém com cuidados para que estes meios usados não venham a ter o efeito contrário de quebrar as perspectivas corretas da vida cristã. É neste contexto, que devemos analisar, como a tecnologia na perspectiva do mandato cultural de Deus deve apoiar estes relacionamentos na missão da igreja como comunicadora da mensagem aos de fora e edificação aos de dentro, e como a mesma pode, de maneira equivocada, ser usada para prejudicar esta missão e afetar a vida cristã. Vamos analisar estas questões neste artigo a partir da perspectiva da filosofia da tecnologia e a missão da igreja.

2. Fundamentos filosóficos da tecnologia e como a igreja utilizou desta na história

Para refletirmos como a igreja deveria se comportar diante da tecnologia, precisamos ter uma consciência clara do conceito da tecnologia, e como ela faz parte da história humana, de modo a afetar positivamente ou negativamente a vida em geral, e consequentemente a vida da igreja que faz parte da história humana. Segundo Egbert Schuurman, afirma: “A humanidade e a tecnologia, sempre caminharam lado a lado. Isto é tão verdadeiro, que tendemos a descrever a história humana em termos do estado da tecnologia: a idade da pedra, a idade do bronze, a

era do metal, a era atômica, a era da informática e por aí em diante.”(SCHUURMAM, ANO, p.73). Atualmente, estamos vivendo o que é dito no contexto industrial como a revolução da indústria 4.0, que é a indústria que se utiliza amplamente das ferramentas digitais. Portanto, a história humana caminha de mãos dadas com a tecnologia, sendo esta, a causadora de avanços e mudanças significativas.

Quando observamos a história humana e seu avanço cultural, a tecnologia se torna a mola propulsora do desenvolvimento, assim como é em si resultado deste avanço. Da mesma forma, como ela auxilia as mudanças, ela provoca mudanças na sociedade. Por este motivo não podemos pensar na tecnologia como uma mera “ferramenta neutra” em todo o processo de história da vida humana. Primeiro, por não ser uma simples ferramenta e também por não ser neutra. Assim como tudo que o homem faz na vida, a cultura humana tem uma direção, uma motivação, e é feita para atingir os objetivos e crenças do ser humano, para facilitar aspectos ou para “redimir” outros que o ser humano acha que tornará sua angústia menor nesta existência. No fim, ela é resultado da ação humana, mas também afeta a maneira como o ser humano se relaciona consigo mesmo, com ela e com os outros ao seu redor. Tim Challies afirma o seguinte a respeito da vida diante dos avanços atuais:

Eu comecei a me sentir oprimido. Eu comecei a me sentir como se talvez, apenas talvez, todos os meus dispositivos, *gizmos*, e apetrechos digitais me possuem como eu possuo eles. Pior ainda, eu cheguei a ver que estes dispositivos estão constantemente demandando meu tempo e atenção. Eles apitam, tocam e piscam e me chamam para respondê-los. Ainda pior, eles se tornam rapidamente obsoletos, caem fora e me levam a querer os novos, modelos melhorados. Eu comecei a me questionar: Estou no controle da minha vida? É possível que estas tecnologias estão mudando quem eu sou? Eu estaria me tornando uma ferramenta que pertença as ferramentas que eu suponho estar usando? Fui a procura de pessoas que fazem perguntas similares, homens e mulheres que tem tirado um tempo para pensar sobre o que significa viver em um mundo digital, um mundo rodeado por apetrechos tecnológicos, um mundo que nós definimos e entendemos nós mesmos de maneiras completamente novas. (CHALLIES, 2011, p. 40)

É nesta perspectiva que o autor começa a mostrar o quanto a tecnologia causa mudanças na sociedade, e de que maneira ganha-se extrema dependência delas, a ponto de ser possível a transformação dos indivíduos. Tim Challies afirma que a tecnologia causa mudanças “ecológicas”, o que significa que as mesmas, não apenas geram uma adição ao ambiente humano, mas esta adição causa transformações no

ambiente e na maneira como os seres humanos passam a viver e se relacionar no ambiente onde ela se insere. A tecnologia muda a maneira de se enxergar o mundo e a si mesmo. A tecnologia cria até mesmo novas expressões idiomáticas e figuras de linguagem mudando a forma de se relacionar.

A tecnologia não é um elemento neutro e não pode ser encarado desta forma, pois se tornará um risco ao ambiente humano ao ser incorretamente utilizada. Derek Schuurman afirma:

A tecnologia é carregada de valores. Filósofos cristãos descrevem essa noção de maneira mais ampla declarando que a criação não apenas tem uma estrutura, mas também uma direção. Os criadores de objetos tecnológicos embutem seus valores pessoais ou corporativos em seus dispositivos. Consequentemente, há uma direção embutida na estrutura dos produtos tecnológicos. Como resultado, os objetos tecnológicos são inclinados para certos usos, o que, sucessivamente, inclina o usuário de modos particulares... (Neil Postman declara segundo o autor): “As novas tecnologias alteram a estrutura dos nossos interesses: as coisas sobre as quais pensamos. Alteram o caráter dos nossos símbolos: as coisas com as quais pensamos. E alteram a natureza da comunidade: a arena na qual as ideias se desenvolvem.” (SCHUURMAN, 2019, p.25)

Por este motivo, podemos claramente compreender que a tecnologia é fruto de crenças, e ao mesmo tempo que comunica estas crenças, quando são produzidas estas tecnologias, também fortalecem ou criam novas percepções acerca da realidade a sua volta e nas percepções humanas acerca da vida e mundo. Ela de fato não é apenas uma ferramenta neutra que pode-se usar ou deixar de usar quando quiser, mas ela se relaciona a minha vida de maneira que não posso largar e simplesmente deixar de usar e continuar vivendo da mesma forma anterior. Minha vida é alterada em dependência a esta tecnologia que comecei a aplicar para me auxiliar. Sou dependente dela, e o mundo ao meu redor passa a ser também. Dependendo do tipo de tecnologia e a facilidade trazida por ela, não me permitirá com o tempo, deixar de usá-la, ou então deixarei de me relacionar com os outros a minha volta e com o mundo em si.

Mas o que poderia ser então a tecnologia? Egbert Schuurman afirma: “A tecnologia é um fenômeno multifacetado. Em geral, fala-se em tecnologia quando se utilizam ferramentas para moldar a natureza, na consecução de propósitos humanos” (SCHUURMAN, ANO, p.75). Por este motivo, não podemos deixar de conectar a ideia da tecnologia como sendo um fruto do mandato cultural que a Teologia e Filosofia Reformada compreende, cumprindo Gn 1:28. Diante disso, posso concluir que a tecnologia é então, a aplicação de conhecimentos e técnicas

sobre os insumos naturais para criação de dispositivos, que permitam a realização de atividades ou facilitação de trabalhos humanos, assim como, submeter a natureza por meio destas técnicas a trazer benefícios aplicados a necessidade humana estabelecida. Por estes motivos, nós criamos tecnologia como uma necessidade humana colocada em nós por meio da criação de Deus feitos a imagem e semelhança Dele.

Diante da reflexão de que a tecnologia é o que fazemos com a criação de Deus para nosso uso, faz parte da atividade humana para algum objetivo, e por isso nossa tecnologia acaba por apontar nossas crenças. A maneira como eu encaro a tecnologia, é resultado de minhas crenças ou expectativas. Posso usar a tecnologia como meio de servir ao homem cumprindo o mandato cultural, ou posso me tornar escravo da mesma quando assumo a posição da crença *Tecnicista*, que passa a encarar a supervalorização da tecnologia com um caráter redentivo dos aspectos da vida humana. Egbert Schuurman diz:

O tecnicismo é a pretensão dos seres humanos como senhores e Mestres autodeclarados a utilizar métodos técnicos-científicos de controle para submeter Toda a realidade a sua vontade a fim de resolver todos os tipos de problemas antigos e novos e garantir o aumento da prosperidade material e o progresso. Esse tecnicismo obedece a duas normas importantes como se fossem dois grandes mandamentos: a norma da perfeição técnica ou da eficácia e a norma Econômica da eficiência. (SCHUURMAN, ANO, p.79)

Desta feita, o mundo sob a visão tecnicista é utilitarista, e tudo nele deve visar o benefício do progresso material humano. Qualquer pensamento acerca de como este progresso pode interferir em outras dimensões da vida humana é descartado. Este aspecto leva um tipo de reducionismo da realidade, e passa-se a ver o mundo e as relações humanas sob o caráter técnico-científico e não além deste. Esta é a absolutização da tecnologia como um meio redentivo daquilo que seria a angústia humana por existir. É o modo de usar a tecnologia de forma idólatra e não como graça comum de Deus. Adora-se mais a criação da criatura do que o Criador, ou seja, passa a lançar esperança de provisão, prazer e segurança na tecnologia do que na pessoa eterna do Deus criador.

Para evitar este possível reducionismo da vida sob a dimensão da absolutização da tecnologia e seu uso, devemos desenvolver uma visão holística da realidade. Para ajudar nisto, Derek em seu livro sugere o esquema do filósofo Holandês Herman Dooyeweerd (1894-1977) que seguiu a tradição de Abraham Kuyper, onde entende-se o universo como algo criado, governado e sustentado por Deus, que é

absolutamente soberano (SCHUURMAN, 2019). Como esta observação da realidade, podemos ver a criação como algo tanto diversa como interligada em sua diversidade. Na medida que as possibilidades da criação se revelam desde aspectos mais simples, ela vai se organizando em novos aspectos mais complexos, e que precisam ser regidos pelas leis, desde as naturais até as morais. Desta forma, podemos observar a tecnologia se desdobrando em uma direção que coopera para a direção dada pela criação de Deus, e não como algo que reduz a percepção da vida humana e faz perder seu valores eternos, até o aspecto pístico dado por Dooyeweerd como sendo as dimensões de percepção da fé e crença na criação.

Dentro desta perspectiva, podemos observar a história da revelação de Deus no mundo, e como a tecnologia fez parte deste processo, ou de modo a concorrer com a vontade de Deus ou cooperar com esta vontade, e assim avaliar de que forma a tecnologia pode ser corretamente usada para a missão que Deus nos deu no mundo.

Compreendendo, como já foi visto até aqui, que a tecnologia faz parte do mandato cultural humano, e é a utilização do conhecimento das possibilidades da criação e das técnicas do conhecimento humano para dominar e modificar as coisas criadas para benefício da vida e missão do homem em viver neste mundo, podemos pensar em alguns exemplos bíblicos disto. Se você desejar observar um exemplo interessante de como a tecnologia foi utilizada para o benefício da obra de Deus, é só observar a Arca de Noé e como Deus utilizou-se dela para promover sua obra de revelação no mundo. Noé recebeu uma missão de Deus e os recursos, desde conhecimento do projeto, até as técnicas para usar a matéria prima para produzir este projeto. Outro exemplo de como o homem utilizou a tecnologia fora deste propósito seria o exemplo da torre de Babel onde no texto vemos:

E disseram uns aos outros: Eia, façamos tijolos e queimemo-los bem. E foilhes o tijolo por pedra, e o betume por cal. E disseram: Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra (Gênesis 11:3,4).

No texto em questão, os homens afirmam que irão aprimorar suas técnicas, ou seja, queimar melhor os tijolos e usar o betume como cimento, para construir uma torre que os fizesse descumprir a ordem dada por Deus de se espalhar pela terra e ao mesmo tempo colocar sua união comunitária com mesma intenção rebelde, como um aspecto a revelar seu poder e seu antropocentrismo. Assim, percebemos que, este sentimento ainda persiste hoje no mundo através da tecnologia e da ciência. A constante busca por autonomia do homem de seu

criador. Este movimento de autonomia do criador faz o homem querer moldar a realidade à sua vontade e não se submeter a vontade de Deus, e assim, a tecnologia se torna uma ferramenta útil em suas mãos para satisfazer os anseios de seu coração corrupto e corruptor. Por estes motivos, devemos observar no desenvolvimento de cada tecnologia as intenções destas, a presença da graça comum nelas e como as mesmas podem vir a ser usada para a glória de Deus em contribuição com o desdobramento dos aspectos modais, conforme mencionados por Dooyeweerd, levando a direção correta da Glória de Deus e assim o benefício da existência humana.

Diante de tudo que foi visto até aqui, como pode-se ver o uso de tecnologia de modo bem claro na obra de Deus no mundo, de modo a ter beneficiado esta obra de revelação? Um exemplo é a tecnologia da escrita. Segundo o dicionário Caldas Aulete, a Escrita significa representação da língua falada por sinais gráficos, conjunto de símbolos e letras adotados por determinado sistema de escrita, ou um conjunto de símbolos gráficos usados para exprimir ideias (AULETE, 2008). Portanto, podemos entender que o sistema de escrita pode ser visto como uma determinação planejada do conhecimento humano e a maneira de expressão desta no papel como sendo a tecnologia necessária para expressar estes símbolos.

Conclui-se, sem nenhuma dificuldade lógica no entendimento, de que o uso de pergaminhos, velinos ou papiros para escrita do velho e novo testamento, seria sim uma tecnologia de escrita desenvolvida, com fim de comunicar as verdades eternas para diversas pessoas em diversos momentos da história, sem a necessidade de alguém que memorizasse as informações contidas.

Os Papiros eram usados como suporte físico para escrita e substituíram os suportes mais antigos. Foram desenvolvidos pelos egípcios em 2.500 a.C. e foi considerado o precursor do papel, já que o papiro era extraído de folhas secas de uma planta (*Cyperus papyrus*) prensadas de forma parecida com a produção do papel hoje em dia. Os antigos pergaminhos bíblicos eram copiados a mão em rolos fabricados com peles de ovelhas, carneiros, cabras e cordeiros. Eram escritos através de algum instrumento como pena, cálamo, lápis ou caneta, molhados em tinta. Os manuscritos da Bíblia mais antigos foram várias cópias de pergaminhos encontrados em locais diferentes e escritos em épocas diferentes, porém com textos fiéis. A escrita não era realizada por qualquer pessoa, pois era necessário procedimento específico que garantisse a replicabilidade do escrito sem falhas de informação, e o mesmo, precisava ter a formação específica para “operar” a tecnologia da escrita e garantir o resultado esperado. Estas eram as técnicas

utilizadas para a escrita destes, e por isso, podemos compreender como uma tecnologia desenvolvida para a realização de uma atividade que, se não fosse pensada, e instrumentos fossem obtidos da natureza, não seria possível sua realização.

A Escrita por meio do uso de pergaminhos e papiros garantiu a transmissão de conhecimento no espaço e no tempo, o que não era possível com tamanha segurança pela linguagem falada. Desta feita, sabe-se que foi algo essencial para comunicação da fé judaica e cristã e sua segurança em termos de coesão e transmissão entre gerações. No período do Novo Testamento vemos o uso de cartas, epístolas, como meios de comunicação entre grupos distantes e disseminação da doutrina cristã. Seria possível, guardadas as devidas proporções, comparar o envio de cartas e livros entre igrejas no período da igreja primitiva, como uma forma similar ao realizado pela educação a distância de nosso tempo. O objetivo era comunicar, ensinar e levar a doutrina a outros lugares onde os apóstolos não poderiam estar naquele momento, mas que posteriormente, iria visitar e encontrar muitos dos problemas já resolvidos, e apenas dúvidas menores seriam tiradas em suas visitas. Este mesmo método de comunicação nos permitiu hoje ter acesso a esta mesma doutrina e ao mesmo tempo estar alinhados ao que foi ensinado pelos apóstolos naquele período.

No entanto, um outro evento histórico importante que nos permitiu ter acesso a estes documentos da igreja primitiva, ocorreu no período da reforma protestante. A criação da tecnologia da imprensa, atribuída a Johannes Gutenberg, surge no século XV, no meio do período conhecido como Renascimento, ou seja, num contexto de intensas e constantes mudanças políticas, econômicas e religiosas. A ideia de Gutenberg era imprimir textos usando simbologia padrão em um móvel de metal, onde montavam-se as palavras e frases em forma de um carimbo, e eram comprimidos contra o papel a ser impresso. Foi assim que, em 1450 e 1455, produziu-se a primeira Bíblia de Gutemberg com 42 linhas por página. Foi a partir da imprensa, que as ideias da reforma puderam ser rapidamente disseminadas, e bíblias distribuídas entre o público, que apesar de não ser totalmente alfabetizado, estavam também em processo de alfabetização em determinada velocidade.

Nessa discussão, não se pode esquecer da imprensa de tipos móveis, que havia sido criada por Gutemberg, por volta de 1450, na Alemanha. Aperfeiçoada, a imprensa era um meio de fazer circular as ideias rapidamente, o que facilitou a divulgação das ideias reformistas. Will Durant, autor de *A Reforma*, chega a afirmar que “Gutemberg tornou Lutero possível” (KLUG, 1998, p. 22).

O historiador Peter Burke afirma, em sua reflexão sobre o intenso uso por parte de Lutero deste meio de comunicação, e em virtude do analfabetismo ainda muito grande no período, o uso de gravuras também ajudava a disseminar o espírito e ideias da reforma:

Nos anos 1520, publicaram-se muitos panfletos para convencer o povo simples de que Lutero estava certo, ou errado, e as gravuras satíricas levavam as mensagens aos lares. O próprio Lutero tinha clara consciência do valor propagandístico da gravura impressa. “Em todas as paredes (escreveu certa vez), em todos os tipos de papel e baralhos, os padres e monges devem ser retratados de tal forma que o povo sinta repugnância ao ver ou ouvir falar do clero” (BURKE, 1989, p. 281).

Uma série de mudanças decorreram no mundo a partir da invenção da imprensa, no que tange a forma como as pessoas agora viviam, se relacionavam e até novas instituições passaram a existir. O funcionamento social agora passou por uma reestruturação causada pela nova tecnologia, o que nos mostra que a tecnologia tanto tem sua criação a partir de ideologias, como também ajuda a fomentar estas ideologias e até mesmo causa mudanças, nem mesmo previstas por aqueles que a criam.

As oportunidades de uma educação secular aumentavam enormemente não só a criação de maior número de Universidades e a multiplicação de livros, mas também através de escolas e bibliotecas públicas, tais como as bibliotecas municipais de Leipzig, Hamburgo e Fracforte. Os que podiam ler ou tinham acesso ao mundo do livro sentiam-se mais aptos para argumentar com seus superiores eclesiásticos em pé de igualdade ou, até, em tom de superioridade (ASTON, 1968, p. 130).

As mudanças “ecológicas” causadas na sociedade, pela invenção da imprensa, concordando com o termo cunhado mais acima neste artigo, a possibilidade de comunicar as ideias da reforma, a disponibilização das bíblias para acesso mais fácil, o fomentar da educação e do conhecimento e a entrega maior, para os indivíduos, da capacidade de refletir e se posicionar, mostra a força da tecnologia nas mudanças e como esta foi extremamente importante para a reforma protestante e a missão da igreja naquele tempo, de resgatar a fé bíblica, e a partir das denúncias dos erros da igreja católica e da disponibilização de doutrina para todos fazer avançar o reino de Deus. Se nós observamos desta mesma forma a revolução digital que vivemos hoje, podemos perceber o mesmo mecanismo de mudanças no mundo, e que a igreja também deve fazer uso desta para cumprir a grande comissão e levar informação para as pessoas acerca da mensagem bíblica que nos foi entregue.

Ao refletir sobre isto, Derek C. Schuurman diz:

Vivemos numa era digital na qual comunicar-se rapidamente através de uma vastidão de redes e visitar websites rotineiramente a partir de lugares distantes tornou-se corriqueiro. A tecnologia computacional trouxe mudanças dramáticas aos chãos das fábricas, escritórios, salas de aula e lares. A fé cristã antiga ainda tem algo a dizer a um mundo moderno dinâmico moldado por essa tecnologia? Tertuliano, um pai da literatura cristã primitiva, certa vez levantou a pergunta: “O que Atenas tem a ver com Jerusalém?”. Em se tratando de tecnologia computacional, bem poderíamos perguntar: “o que o Vale do Silício tem a ver com Jerusalém?”. Em suma o que o *bytes* têm a ver com crenças cristãs? (SCHUURMAN, 2019, p. 19)

Diante de tudo que já foi refletido até aqui, sabe-se que a tecnologia faz parte do mandato cultural de Deus, que a tecnologia por ser fruto da ação humana, não é algo neutro, mas, é carregada de valores que apontam para os ídolos humanos e podem ser utilizadas para esta idolatria ou fomentam esta idolatria. A tecnologia faz parte da história humana, e tanto é fruto de seus avanços como provocou muitos de seus avanços alterando de modo significativo a maneira como o ser humano vive e se relaciona neste mundo. A obra de Deus presente no mundo se relaciona com a vida humana e, naturalmente, com a tecnologia em sua realização, assim como fez uso das mesmas para esta missão, como frutos do que Deus levou o homem a criar ou o homem criou para realizar a missão. O mandato cultural tecnológico se entrelaça com o mandato da igreja em missão de maneira muito natural no avanço da história humana, e de certo, este movimento passou pela igreja primitiva em suas cartas, pela reforma, com a criação da imprensa, e hoje com a revolução digital não seria diferente. Mas o que devemos fazer é, refletir sobre estes aspectos, pois, o uso descuidado destas pode trazer danos a missão e a vida cristã. Derek C. Schuurman deixa muito claro esta preocupação, em pensar a tecnologia e sua influência na vida da igreja, sendo a proposta de seu livro ajudar a desenvolver esta cosmovisão, para assim pensar nestes aspectos:

O objetivo deste livro é desenvolver a pergunta do que a fé tem a ver com a tecnologia computacional. Essa pergunta não é apenas de interesse acadêmico; ela também possui muitas implicações para um mundo no qual a tecnologia computacional se tornou onipresente. Essa tecnologia muda tão rápido que muitas vezes não temos tempo para refletir adequadamente sobre seu impacto. Esse impacto vai além das ferramentas que usamos; ele muda o modo como pensamos e traz consigo implicações de cosmovisão. Uma cosmovisão, nas palavras de Chuck Colson e Nancy Pearcey, é essencialmente “a soma total de nossas crenças sobre o mundo, a ‘visão global’ que dirige nossas decisões e ações diárias” (SCHUURMAN, 2019, p.20)

Diante disto, o restante deste artigo presta-se a refletir sobre estas influências na igreja no período atual, e como deve-se ser cauteloso nas aplicações das tecnologias para não cair no extremo de alienar-se de sua importância de uso e nem assumir seu uso sem a devida reflexão de seus efeitos para a vida e missão da igreja.

3. Como os aspectos da tecnologia podem afetar a missão da igreja e a vida cristã

Derek C. Schuurman faz uma reflexão interessante, citando outros autores sobre como a tecnologia acaba moldando nossa vida:

Cada novo meio traz consigo uma nova maneira de pensar e olhar para o mundo. Na verdade, o conteúdo de um meio, frequentemente nos distrai do impacto que a tecnologia exerce sobre nós e o mundo que nos rodeia. Diz McLuhan: “O conteúdo de um meio é como um pedaço suculento de carne que o assaltante leva consigo para distrair o cão de guarda da mente”. Em um artigo explicando as ideias de McLuhan, John Cullin escreve: “Moldamos nossas ferramentas e, depois elas nos moldam” (SCHUURMAN, 2019, p. 26).

Este artigo não visa esvaziar a discussão nem reflexão sobre o assunto, mas contribuir com o tema e despertar sua importância. Antes de começar a se pensar sobre como a tecnologia afeta a igreja, deve-se primeiro posicionar a igreja no mundo atual e refletir sobre o que é ser igreja de acordo com a bíblia e cruzar com as interferências do pensamento atual. A tecnologia está praticamente onipresente na vida atual, mas não significa dizer que toda a cultura é a tecnologia, mas a tecnologia está intimamente ligada ao tecido cultural como um de seus fios de formação deste tecido. Ela afeta o pensamento e é afetada por este, afeta a vida e é afetada por ela, afeta a igreja e é afetada também pela igreja.

3.1 A tecnologia, o pensamento pós moderno e a igreja

Quando se pensa no mundo atual, precisa-se compreender o fenômeno da modernidade e pós-modernidade. Timothy Keller afirma que o fenômeno da pós modernidade poderia ser compreendida como modernidade tardia, ele vê como o tempo atual apenas os efeitos colaterais do pensamento moderno mais intensificado. Por este motivo, pode-se ver a seguinte afirmação:

A ideia básica da modernidade foi a derrubada de toda e qualquer autoridade que fosse o eu. No século 18, filósofos do Iluminismo Europeu argumentavam que a pessoa moderna tem que questionar toda tradição, revelação e autoridade externa e sujeitar-se à suprema corte de seu próprio raciocínio e intuição. Mesmo assim, durante anos, a sociedade moderna continuou a usufruir de organizações relativamente estáveis herdadas do passado. Em geral, as pessoas conseguiam enraizar sua identidade na família e no país. Mas hoje, mesmo essas instituições estão em declínio, corroídas pelo “ácido” do princípio moderno de que a felicidade individual e a autonomia têm de vir antes de qualquer coisa. A identidade das pessoas “muda de forma” à medida que elas atravessam os episódios da vida. (...) O fio implícito que entrelaça tudo isso é a inadmissibilidade de uma ordem moral alicerçada em uma autoridade mais fundamental que a própria pessoa (KELLER, 2014, p. 447).

Diante do que foi dito por Keller, podemos fixar nosso pensamento em alguns pontos importantes e chegar a algumas conclusões:

- 1) A modernidade possui como espírito fundamental a destruição de qualquer autoridade institucional e construção da ideia de autoridade no próprio indivíduo;
- 2) A atomização da autoridade nos indivíduos para a “suprema corte de seu próprio raciocínio ou intuição”;
- 3) A maior motivação da busca é pela felicidade do indivíduo antes de qualquer coisa, até mesmo do bem coletivo;
- 4) A identidade estaria enraizada nas experiências e julgamento da vida, algo mutável à medida que a jornada de busca avança e não mais nas instituições ou determinações externas.

Assim, como a invenção da imprensa permitiu a distribuição de bíblias e documentos, que ajudaram denúncia dos atos da igreja instituída da época, levou a muitos a assumirem um comportamento questionador como declarado por Aston:

As oportunidades de uma educação secular aumentavam enormemente não só a criação de maior número de Universidades e a multiplicação de livros, mas também através de escolas e bibliotecas públicas, tais como as bibliotecas municipais de Leipzig, Hamburgo e Fracforte. Os que podiam ler ou tinham acesso ao mundo do livro sentiam-se mais aptos para argumentar com seus superiores eclesiásticos em pé de igualdade ou, até, em tom de superioridade (ASTON, 1968, p. 130).

Este mesmo sentimento existe na geração atual com acesso a toda a informação facilitada pela era digital. A diferença que podemos notar daquela época para os dias atuais, estaria na motivação. Esta motivação não mais seria o questionamento de erros intelectuais da igreja ou abusos institucionais como na época da reforma, mas tudo se amplia para questionar toda e qualquer instituição ou visão de mundo que possam impedir a busca individual pela felicidade. Esta cosmovisão equivocada tem como seu bem estar supremo a ser alcançado, a felicidade individual mesmo que afete o coletivo. Esta cosmovisão molda tudo o que pensamos e fazemos no mundo, até mesmo a participação no contexto da igreja. Este não seria um efeito estranho às Escrituras, pois, elas já afirmavam acerca deste mecanismo do coração humano e suas evidências no comportamento. Paulo fala sobre isso no livro de 2 Timóteo, onde os homens tomarão a atitude de escolher o que desejam ouvir e considerar isto como verdade e como algo digno de guiar suas vidas. Temos assim a relativização da doutrina para atender a demanda de cada coração individualmente e a tecnologia na “palma da mão” para levar o conhecimento com uma infinidade de opções. As pessoas irão se segmentar em torno de filosofias e líderes que defendem as mais diversas formas de “verdade” que convém aos seus afetos, ou cobiças:

Pois virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, se rodearão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos. Eles se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas. (2 Timóteo 4:3,4 NAA)

Outro verso já profetizado nas Escrituras, a respeito da época em que vivemos, de um extremo egocentrismo e atitude que corrói as instituições com o “ácido” da modernidade como afirmado por Keller, é o que é dito por Paulo também em 2 Timóteo:

Mas você precisa saber disto: nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis. Pois os seres humanos serão egoístas, avarentos, orgulhosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, ímpios, sem afeição natural, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, convencidos, mais amigos dos prazeres do que amigos de Deus, tendo forma de piedade, mas negando o poder dela. Fique longe também destes. Pois entre estes se encontram os que se infiltram nas casas e conseguem cativar mulheres tolas, sobrecarregadas de pecados, que são levadas por todo tipo de desejos, que estão sempre aprendendo e nunca conseguem chegar ao conhecimento da verdade (2 Timóteo 3:1-7 NAA).

Um ponto interessante, é que a atitude apontada pelo apóstolo a estes líderes, é se infiltrar em casas e influenciar “mulheres tolas” que estão “sempre

aprendendo e nunca conseguem chegar ao conhecimento da verdade”. Esta receptividade por estes líderes, mostra uma atitude do coração de não se submeter a um padrão sólido de pensamento, mas se tornar alguém fluido e movido pelos próprios desejos. Estes possuem a si mesmo como padrão de definição de verdade. Eles sempre aprendem, mas nunca chegam a uma verdade absoluta, pois, neste espírito relativista a verdade absoluta não existe. É exatamente a descrição do espírito da pós-modernidade.

Temos aqui o cenário perfeito, para que com o a facilitação da tecnologia, do acesso à informação e democratização do discurso, dar voz a muitos mais atores do discurso do que antes. A consequência natural deste processo, é a atomização da doutrina nas mãos dos indivíduos e seus interesses, tanto para decidir o que ouvem, como o que compartilham, considerando aquilo como “sua verdade”. É a isto que se refere o texto de Paulo quando diz que “se rodearão de mestres segundo as suas próprias cobiças”. A tecnologia das mídias sociais tem ampliado em muito este efeito dentro da igreja cristã.

Em parte, este processo é bom por descentralizar a informação das mãos de poucos, como fez a Reforma com a ajuda da tecnologia da imprensa. No entanto, no outro extremo, temos o movimento do pensamento filosófico atual que combate alguns aspectos importantes para fé cristã: as definições de instituição à qual se submeter e viver nela; a ausência de verdade absoluta em nome de uma verdade que depende do julgamento do indivíduo e de suas experiências pessoais; uma diversidade muito maior de discursos como opção a escolher. Este movimento do pensamento atual leva a um confronto direto a qualquer ideia de submissão a tudo que signifique verdade absoluta, confrontação do coração ou busca por uma verdade apresentada por uma instituição ou documento.

Diante deste cenário, como encarar a igreja e sua missão apresentada em Atos 2? As ideias apresentadas pelo espírito da igreja primitiva e que deve permear a base de uma igreja cristã em qualquer era de sua existência:

E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por meio dos apóstolos. Todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, o Senhor lhes acrescentava, dia a dia, os que iam sendo salvos (Atos 2:42-47 NAA).

Neste texto, se veem algumas ideias que, quando lidas à luz do pensamento atual podem parecer conflitantes ao status moderno. A ideia de perseverar na doutrina dos apóstolos, ou seja, se submeter a um de pensamento pré-estabelecido por uma autoridade que deve ser respeitada e seguida com perseverança mesmo que isso confronte alguns aspectos daquilo que considero que não contribuirão para minha felicidade individual. Outro, seria o conceito de unidade, unanimidade, ter as coisas em comum à medida das necessidades de cada um, para os que estariam em crise. O que em uma cultura moderna e individualista não parece ser bem vinda. Pode-se então perceber que os conceitos fundamentais que estão em risco na igreja moderna são doutrina e comunidade.

3.2 As mídias sociais, a doutrina e a unidade da igreja

A igreja cristã se caracteriza pela unidade em torno da pureza doutrinária em concordância com as Escrituras: “Se alguém for até vocês e não levar esta doutrina, não o recebam em casa, nem lhe deem as boas-vindas.” (2 João 1:10); “Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu pregue a vocês um evangelho diferente daquele que temos pregado, que esse seja anátema.” (Gálatas 1:8). Por este motivo, devemos compreender que o caminho da unidade existe em torno de uma doutrina correta. Esta doutrina correta é acessada pelo ensino da verdade. O ensino da verdade bíblica está baseada na doutrina dos apóstolos compreendida e ensinada por eles a partir daquilo que experimentaram junto a Jesus. Este é o fundamento da missão da igreja, pois faz parte da grande comissão: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que tenho ordenado a vocês. E eis que estou com vocês todos os dias até o fim dos tempos.” (Mateus 28:19,20).

O texto é bem claro quando diz que se deve, no discipulado, ensinar a guardar todas as coisas que foram ensinadas por Cristo aos apóstolos. O discipulado deve ajudar a manter puro e protegido aquilo que foi ensinado. No entanto, com a facilidade atual do acesso a conteúdos, dos mais diversos, uma geração inclinada à individualização das crenças, e um coração como árbitro da verdade, temos o cenário perfeito para a perda da identidade doutrinária da igreja. O julgamento da verdade não é mais o que está escrito, mas o que foi interpretado de maneira a agradar o coração.

O coração do homem se torna o padrão e este leva ao engano e pecado como afirmado por Jeremias: “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e

desesperadamente corrupto. Quem poderá entendê-lo?” (Jeremias 17:9), e este coração é o que produz os mais diversos efeitos pecaminosos como afirmado por Jesus: “Porque do coração procedem maus pensamentos, homicídios, adultérios, imoralidade sexual, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias.” (Mateus 15:19)

O coração é o centro dos afetos humanos e o lugar onde residem as convicções mais profundas que produzem a cosmovisão e por isso este deve ser guardado para que a visão de mundo não seja contaminada com aquilo que produzirá motivações que levem ao erro. “Acima de tudo, guarde o seu coração, pois dele depende toda a sua vida.” (Provérbios 4:23) Por este motivo o coração deve ser o alvo da Palavra: “Eu te busco de todo o coração; não permitas que eu me desvie dos teus mandamentos. Guardei no coração a tua palavra para não pecar contra ti.” (Salmos 119:10-11). Existe uma relação muito forte entre a razão humana e aquilo que seu coração considera ou aprova e é sobre isso que o professor e pastor Tiago Santos cita em seu artigo na revista Teologia Brasileira, Afetos da razão: um estudo sobre mente, afetos e vontade em Jonathan Edwards. Ele faz uma citação do Edwards dizendo:

Deus dotou o homem com duas faculdades principais: Uma através da qual ele tem a capacidade de percepção e especulação, ou pela qual discerne e julga as coisas, que é chamada de entendimento. A outra é aquela pela qual a alma a alma é inclinada às coisas que ela considera ou vê; ou é a faculdade através da qual a alma é capaz de contemplar – não como um espectador neutro ou indiferente, mas, determinando se gosta ou desgosta daquilo que contempla, se é atraído ou rejeita aquilo ou aprovando ou desaprovando. Esta faculdade é chamada por vários nomes. Às vezes, é chamada de inclinação, e diz respeito às ações governadas e determinadas por ela, a vontade. E a mente, considerada em relação a esta faculdade, é chamada de coração (FILHO, 2020).

O coração humano como espectador passivo, faz suas escolhas com base em suas afeições naquilo que pode considerar verdadeiro ou não para si, isto forma as suas convicções. Ele se torna juiz para si mesmo e pode em suas escolhas e inclinações prejudicar unicamente a si ou aos outros que convivem com ele de maneira mais próxima como faziam os falsos profetas a todos aqueles que seguiam suas orientações. No entanto, com o avanço da tecnologia este campo de influência e atuação sofre uma significativa mudança. As pessoas não somente decidem para si consumindo conteúdos que agradem ao seu coração, mas elas são compartilhadoras e geradoras de conteúdo que influenciam outros na mesma direção.

Segundo o artigo do pesquisador Mislove et al. (2007), *Measurement and Analysis of Online Social Networks*, a internet, em sua existência e estrutura inicial, se organizava em torno de conteúdo, ou seja, o ponto central que conectava as pessoas eram os conteúdos das diversas páginas publicadas no ambiente virtual. Eles não geravam conteúdo ou compartilhavam estes, apenas consumiam o que alguns poucos tinham competência técnica para criar. As pessoas se agrupavam em torno destas páginas e seus conteúdos. Com o advento das redes sociais, uma nova forma de organização da Web surge, e agora o que conecta as pessoas são suas relações entre si, a estrutura das páginas não giram mais em torno de conteúdo, mas em torno dos usuários, seus perfis e preferências pessoais.

Todos os desdobramentos e efeitos sobre os conteúdos vem a partir dos perfis destes, o conteúdo está vinculado ao usuário. Nesta perspectiva, entende-se o usuário como o “centro gravitacional”, onde tudo passa a girar no ambiente da internet, o ser humano vem para o centro de atenção de todos os que interagem na rede, desde outros usuários até empresas e governo. Isso também, segundo Mislove et al. (2007), é o que ajuda a conectar pessoas e, conseqüentemente, de acordo com suas preferências, agrupá-las para interagirem entre si com maior facilidade e agilidade, independentemente do local em que estão. É nesse contexto que vem o advento de geradores de conteúdo, youtubers, influencers e outros que atendam as máximas do espírito idolátrico da época e estes se tornam cada vez mais influentes por ajuntarem em torno de si não somente pessoas que consomem seus conteúdos, mas também que compartilham por terem sido profundamente tocadas em seus afetos, são influenciadas e se tornam também geradoras de conteúdo em algumas ocasiões. De outro lado temos pessoas que “repugnam” determinado conteúdo gerado ou compartilhado, e “bloqueiam” (o ato de realizar um bloqueio de outro perfil que não queiram mas se relacionar) ou deixam de “seguir” (o ato de seguir determinado gerador de conteúdo para receber suas atualizações) todos os que representam idéias que confrontam suas “afeições religiosas”. Desta forma temos segmentação cada vez mais intensa, isolamento de grupos e posições extremadas. O que leva as pessoas a tomar algo como verdade para si não muda somente ela no contexto individual, mas gera nela um desejo de influenciar outros para seguirem a mesma opinião e a torna não mais um agente passivo, mas um agente ativo.

O que as mídias permitem hoje, com sua diversidade de opiniões e compartilhamentos, é a disseminação de informações que se forem consumidas

sem o devido cuidado, podem alimentar o coração, influenciar seus afetos e com seus ídolos pessoais, desviá-lo da verdade.

Existe um efeito relatado em um artigo do pesquisador Brady et al. (2017), de título *Emotion shapes the diffusion of moralized content in social networks*, percebeu-se que conteúdos emocionais possuem grande influência no efeito viral de compartilhamento massivo, o que mostra engajamento social dependendo do conteúdo e da causa que se propõe a ser compartilhada. Estas causas estão muito alinhadas aos ídolos coletivos da sociedade que afetam-na emocionalmente. Obviamente, questões que envolvem o coletivo emocional também não significam do ponto de vista cristão que são corretos, mas demonstram a perspectiva de que os ídolos da sociedade moldam sua forma de pensar e se relacionar com a internet e tornar ou não certa publicação, algo viral. O apelo emocional, segundo os resultados do estudo, gera engajamento, surgindo, neste ambiente, o que eles chamam de “contágio emocional” e isso afeta os valores morais da sociedade, como o estudo também comprova. A atitude de compartilhar as vezes pode estar ligada a achar ser verdadeira aquela publicação ou o desejo de que esta o seja pois o compromisso maior da geração atual não está com a verdade mas com o discurso e o quanto este pode ser considerado a “minha verdade”.

Quanto mais emocional o conteúdo, mais engajamento se gera, segundo o estudo, e isto se dá por tocar de maneira mais profunda nos sentimentos coletivos. No entanto, outro efeito é apontado pelo estudo do Brady que é o particionamento de grupos por ideologia e a atitude de evitar compartilhar ideias diferentes daquele grupo em outros grupos com pensamentos diferentes do seu. Este comportamento passaria a gerar um tipo de divisão cada vez mais intensa e com menor compartilhamento de opiniões. Segundo os pesquisadores, isso aconteceu nas últimas eleições americanas:

Outro achado importante foi que a expressão da emoção moral auxilia a difusão dentro das redes políticas do grupo, mais do que as redes externas. Com relação à política, esse resultado destaca um processo que pode explicar em parte a crescente polarização entre liberais e conservadores (24). Na medida em que a disseminação de mensagens on-line infundidas com conteúdos morais-emocionais é circunscrita por fronteiras de grupo, as comunicações sobre a moralidade têm mais probabilidade de se assemelhar a câmaras de eco e podem exacerbar a polarização ideológica. Nossos resultados também falam de recentes controvérsias sobre o papel das mídias sociais na criação de um ambiente informacional tendencioso (36). Por exemplo, o uso de mensagens negativas sobre candidatos políticos rivais contendo termos emocionais morais fortemente redigidos pode se

espalhar mais facilmente dentro (mas não necessariamente entre) redes sociais liberais ou conservadoras. (BRADY et al., 2017)

O efeito do contágio emocional relaciona as afeições ao desejo de partilhar destas com outros e assim afetá-los na direção daquela “minha verdade religiosa”. Ou seja, o mecanismo religioso do coração humano encontra na tecnologia das mídias, a parceria perfeita para disseminação de conteúdos na perfeita sinergia de seus usuários. Estes conteúdos podem ou não serem corretos doutrinariamente, mas que no julgamento de cada indivíduo, que cria, que ou partilha é uma verdade potencial no mundo de verdade relativizada visando a felicidade ou afeições dos indivíduos. Temos então doutrina em perigo. Mas e a unidade da igreja pode ser afetado da mesma forma? Claro que sim pois sem unidade de pensamento não existe unidade de convívio. A mesma tecnologia também opera na segregação de grupos.

Em um outro artigo, para reforçar o conceito apresentado acima, Xu et al. (2013), *Structures of Broken Ties Exploring Unfollow Behavior on Twitter*, afirma que, o que fazem as pessoas se conectarem de maneira mais intensa nas redes sociais, são os seguintes fatores: reciprocidade, status social, número de amigos em comum, questões de semelhança de opiniões, o desejo por informações ou se manter informado de algo como ‘retweetar’, as informações criadas por quem seguem ou saber coisas que eles compartilham (retweetar é o termo utilizado no Twitter ao se referir ao compartilhamento de uma publicação de outro, diretamente do perfil dele). São estas razões, que influenciam os contatos e que aproximam pessoas de mesmas preferências culturais pecaminosas e mútuo incentivo a comportamentos que, do ponto de vista bíblico, são até reprováveis. Desta forma, se tem a possibilidade do desenvolvimento de relacionamentos idólatras em torno de afetos pecaminosos retroalimentados e confirmados e que interferem na cosmovisão. Se consome e se alimenta de conteúdo de uma fonte que atenda aos valores determinados pelo meu coração e não pelo padrão das Escrituras. Eu me uno com outros em torno de conteúdos que contribuam para minhas afeições religiosas e não propriamente para a verdadeira doutrina que podem vir a confrontar estas afeições.

O aprendizado teológico, no ambiente pós moderno e tecnologicamente viabilizado e realizado nas mídias sociais não se trata mais de uma experiência passiva de auto confrontação ao consumir conteúdo previamente estabelecido como verdade mas, mas uma experiência de debate que pode me direcionar para à unidade ou à divisão de acordo com aquilo que julgo ser agradável a minhas

opções pessoais. A igreja apostólica fazia uso das cartas enviadas pelos líderes para serem confrontados e ao mesmo tempo usá-las como meio para confrontar as ideias dos falsos mestres. O uso da tecnologia da escrita possibilitou que mesmo na ausência dos apóstolos as verdades fossem acessadas por todos como se os mesmos estivessem lá apenas considerando a correta leitura e interpretação de suas verdades como afirmado por Pedro:

E considerem a longanimidade do nosso Senhor como oportunidade de salvação, como também o nosso amado irmão Paulo escreveu a vocês, segundo a sabedoria que lhe foi dada, ao falar a respeito destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as suas cartas. Nelas há certas coisas difíceis de entender, que aqueles que não têm instrução e são instáveis deturparão, como também deturparão as demais Escrituras, para a própria destruição deles. Portanto, vocês, meus amados, visto que já sabem disso, tenham cuidado para que não sejam arrastados pelo erro desses insubordinados e caiam da posição segura em que se encontram. (2 Pedro 3:15-17)

A tecnologia da escrita possibilitou que a doutrina contida nas escrituras chegasse até os reformadores que utilizaram da tecnologia da imprensa para distribuir a todos bíblias e teologia a todos. Nesta época o espírito de estudo das escrituras elevou o debate e reduziu o monopólio da verdade. Este espírito é relatado por Aston (1968, p.130): “Os que podiam ler ou tinham acesso ao mundo do livro sentiam-se mais aptos para argumentar com seus superiores eclesiásticos em pé de igualdade ou, até, em tom de superioridade”. No entanto, este mesmo espírito agora somado ao sentimento moderno de combate à verdade absoluta e busca pela suprema felicidade do indivíduo, encontrou no auxílio da tecnologia um parceiro perfeito. A tecnologia agora permite ao indivíduo consumir, compartilhar e produzir conteúdo na palma das mãos, como de fato ocorre com o uso das mídias a partir do celular. A motivação agora não é a busca da verdade, mas, angariar todos os que sintam-se sensibilizados por aquilo que leram, viram ou ouviram e que com a sinergia atual tornam “viral” (quando um determinado conteúdo gerado por alguém é compartilhado diversas vezes) o conteúdo desejado. A doutrina agora corre sério risco pois não é gerada a partir de umas poucas mentes que elaboram uma cosmovisão integral para si mesmos, mesmo que falsa, mas é gerada pela soma de diversas pessoas, cada uma naquilo que consideram verdade para si e que consome e compartilha. Muitos que hoje formam sua visão teológica a partir do que consome nas mídias sociais, tentam alinhar ideias conflitantes e teologias que não fariam sentido juntas. Por exemplo, trabalhando junto às mídias sociais e

pesquisas feitas pela organização Consciência Cristã se percebeu que as mesmas pessoas que respondiam questionários muitas vezes afirmavam consumir ao mesmo tempo conteúdos de teólogos reformados, prosperidade, batalha espiritual, sendo visões que muitas vezes são conflitantes. Ou seja, a maior preocupação com estas pessoas não se trata da integridade do pensamento teológico, mas do quanto determinado pregador ou conteúdo em determinado ponto de uma publicação falou algo que agradou ao seu coração. Neste contexto, em relação ao ensino teológico, as igrejas não precisam demonizar o uso das tecnologias ou mídias ou até mesmo proibir o uso destas como se fosse possível. As igrejas precisam responder dentro da lógica apresentada pelo apóstolo Paulo:

Diante de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu Reino, peço a você com insistência que pregue a palavra, insista, quer seja oportuno, quer não, corrija, repreenda, exorte com toda a paciência e doutrina. Pois virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, se rodearão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos. Eles se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas. (2 Timóteo 4:1-4)

O segredo é a conscientização dos riscos do consumo irrefletido delas e da presença das influências do nosso coração na aprovação daquilo que pode ser contrário ao ensino bíblico saudável. É o que é dito pelo apóstolo Paulo diante da presença de falsos profetas que ensinavam doutrinas que não condiziam com a verdade: “Não se enganem: “As más companhias corrompem os bons costumes.” (1 Coríntios 15:33) Aquelas pessoas precisavam compreender que as más doutrinas poderiam corromper sua prática cristã. Precisa-se conhecer a doutrina para então julgar a verdade do engano e como indivíduos saber examinar de tudo e reter o que é bom.

Pessoas teologicamente bem preparadas se tornam agentes de fomentação de bons conteúdos teológicos pois elas deixam de julgar com base em suas emoções e passam a julgar com base no alinhamento doutrinário. Elas consomem, julgam, compartilham e geram conteúdos saudáveis e cumprem em si mesmo a missão da igreja de pregação do evangelho. O que as tecnologias atuais permitem é a disseminação rápida da informação e isso é de extrema utilidade para a pregação da fé cristã.

Considerações Finais

A atitude da igreja em relação a tecnologia tem sido de uso irrefletido e isto tem gerado uma série de problemas na vida da igreja. Muitos cristãos têm desenvolvido um tipo de dualismo de vida real e vida virtual, como se as escolhas que faço no mundo virtual não geram nenhum impacto na dimensão fora deste ambiente, a dimensão chamada de mundo real ou vice versa. A reflexão desde o chamado cultural divino para a tecnologia, a presença da tecnologia como um processo natural do avanço da história humana até os riscos e vantagens do uso destas é essencial para contextualização da igreja no mundo atual e a realização de sua missão já que a vida social tem se tornado cada vez mais dependente da tecnologia. Caso a igreja não reflita nestes aspectos ela pode deixar de usar o potencial da tecnologia na disseminação da mensagem do evangelho, desconsiderar os riscos do excesso de cosmovisões apresentadas e como elas afetam a integridade de nossa fé, permitir um reducionismo das relações humanas ao mundo virtual. O reducionismo pode fazer cair no erro do tecnicismo que encarando a tecnologia como um aspecto redentivo da missão da igreja e substituir aspectos essenciais desta missão que só podem ser realizados presencialmente por métodos mais tecnológicos, como no caso de imaginar um igreja puramente virtual onde no conforto da minha casa eu sirvo a uma comunidade sem precisar conviver com estes de modo presencial. Precisamos urgentemente refletir como a tecnologia pode se alinhar a missão da igreja sem afetar sua teologia e prática e como esta tecnologia pode nos ajudar no cumprimento da missão assumindo sua dimensão correta na criação de Deus.

Referências

- ASTON, Margaret. *O Século XV*. Lisboa: Editorial Verbo, 1968.
- AULETE, Caldas. *Dicionário Caldas Aulete da língua portuguesa edição de bolso*. 2. ed. Porto Alegre, RS: Lexkon Editora Digital, 2008
- BÍBLIA SAGRADA, Nova Almeida Atualizada, São Paulo: SBB
- BRADY, W. J. *et al.* **Emotion shapes the diffusion of moralized content in social networks**. *Psychological and cognitive sciences*. Princeton University, Princeton, NJ, vol. 114, n. 28, p. 7313-7318, July 11, 2017.
- BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CHALLIES, Tim. *The Next Story: Life and Faith after the Digital Explosion*. Zondervan, Grand Rapids, Michigan. Epud Edition, 2011.
- FILHO, Tiago José dos Santos. Afetos da razão: um estudo sobre mente, afetos e vontade em Jonathan Edwards – (parte 2). Acessado pela internet em Junho de 2020: <https://teologiabrasileira.com.br/afetos-da-razao-um-estudo-sobre-mente-afetos-e-vontade-em-jonathan-edwards-parte-2/>
- KELLER, Timothy. *Igreja Centrada: Desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho*. 1. ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 2014.
- KLUG, João. *Lutero e a Reforma Religiosa*. São Paulo: FTD, 1998.
- MISLOVE, A. *et al.* **Measurement and Analysis of Online Social Networks**. IMC'07, October 24-26, 2007, San Diego, California, USA, 2007.
- SCHUURMAN, Egbert. **Fé, esperança e tecnologia: Ciência e fé cristã em uma cultura tecnológica**. 1. ed. Viçosa, MG: Editora Ultimato LTDA, 2016.
- SCHUURMAN, Derek C.. **Moldando um mundo digital: Fé, Cultura e Tecnologia Computacional** 1. ed. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2019;
- XU, Y. H. B. *et al.* **Structures of Broken Ties: Exploring Unfollow Behavior on Twitter**. *Ideology, Politics, and Social Curation: Recent Work on Twitter*. CSCW '13, February 23–27, 2013, San Antonio, Texas, USA, 2013.